Coleção Documentos da Amazônia Nº 21

Guerra Junqueiro
e os conflitos pareados (apotegmas numerais)

Fac-similado

Mário Ypiranga Monteiro

Edições Governo do Amazonas

Guerra Junqueiro

e os conflitos pareados
(apotegmas numerais)

(Fac-similado)

Coleção Documentos da Amazônia N. 21

O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Neste título festejamos de forma especial o professor Mário Ypiranga Monteiro, símbolo das letras no Amazonas.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

A leitura deste pequeno mas interessantíssimo livro, *Guerra Junqueiro e os conflitos pareados (apotegmas numerais)*, de Mário Ypiranga Monteiro, nome que dispensa apresentações, é de raro valor, não só literário mas de conhecimento no que tange às coisas breves e incisivas, máximas ou preceitos sentenciosos dos números e dos valores transcendentais.

Abílio Guerra Junqueiro, poeta e escritor de Portugal, religioso por coração e por opção, adotou, muitíssimas vezes em sua obra, de forma pessoal e estilística, a poesia, digamos, numeral para a sua visão de mundo, as suas experiências e suas mensagens divinas. É estudado, embora em poucas páginas, mas em minuciosas observações altamente coerentes, principalmente no que concerne à parte esotérica e numerária do filósofo e humanista luso.

O mais importante, porém, na obra em apreço, é a intimidade do autor com o poeta referido, não só pelos numerosos exemplos aqui contidos como também pelas observações, julgamentos e discordâncias, aqui e ali, abrindo-nos vários focos à leitura da obra do bardo português. Soube, com acuidade, evocar o fundamento de sua personalidade:

Guerra Junqueiro, panteísta profundamente comprometido com os valores mais sensíveis à poesia cotidiana... foi um rebelado que emprestou o flagelo de Cristo (não de Jesus) para estigmatizar os merceeiros de todas as religiões e de todas as castas sociais, com exclusão dos humildes, dos simples, dos pequeninos.

A poesia de Guerra Junqueiro nasce do diálogo tensivo do "eu lírico" com o profano e o sagrado. O poeta se insurge contra os descaminhos

do mundo, combate-lhe os vícios e mazelas, ao mesmo tempo em que se volta para o transcendente em busca de consolo. Não passou despercebido ao professor Mário Ypiranga Monteiro esse traço da produção poética do poeta português: *A sua poesia é feita de lama e de lírios, de canduras e de violências, de sangue e de pus, de ironias e soluções metafísicas.*

Tenório Telles

Mário Ypiranga Monteiro

GUERRA JUNQUEIRO

E OS CONFLITOS PAREADOS

(APOTEGMAS NUMERAIS)

EDIÇÕES NHEENQUATIARA

3

Manaus - 1986

GUERRA JUNQUEIRO

E OS CONFLITOS PAREADOS

(APOTEGMAS NUMERAIS)

AMAZONENSE:

LEIA OS LIVROS DOS ESCRITORES DE SUA TERRA E VOCÊ GANHARÁ MUITO MAIS EM ECONOMIA E CULTURA

Endereço do autor:
Rua Paraíba, conjunto. BEA-ICA; Rua 3, Bl. 40
Manaus - Am. - 69.001

É possível que alguém haja espiolhado antes, na obra do poeta português Abílio Guerra Junqueiro, a confluência esotérica dos conceitos pareados (inclusive forma comparativa), e a enumeração caótica dos seus apotegmas. Não sei de tal. Não possuo nada de especial a respeito. Guerra Junqueiro, panteísta profundamente comprometido com os valores mais sensíveis a poesia cotidiana, a essa poesia desvalorizada em outras circunstâncias, foi um rebelado que emprestou o flagelo de Cristo (não de Jesus) para estigmatizar os mercieiros de tôdas as religiões e de tôdas as castas sociais, com exclusão dos humildes, dos simples, dos pequeninos.

Comumente se insinua haver ele desafiado as potências celestes. Um exame mais profundo do seu maneirismo poético apresenta saldos generosos. Não foi o único a desmanchar-se em libelos contra a hipocrisia, a mediocridade, o beatério, a farça e a sociedade gosadora. Atacou de frente o simonismo, a fome social, o regalismo, a decadência dos costumes. A sua poesia é feita de lama e de lírios, de canduras e de violências, de sangue e de pus, de ironias e de soluções metafísicas. Intransigências também. Rebenta em sarcasmos e brutais verdades? Outra coisa não fizeram muitos dos santos da Igreja Romana contra o vício da Cúria. "Os Simples" desmentem tudo. . . sem negar nada do racionalismo religioso do poeta. . . Não iremos discutir aqui o seu desamor pelos critérios éticos. Demolidor ou construtor, já agora, decorridos tantos anos da sua morte "impenitente"– 1923 (jaz pacificamente no mosteiro dos Jerônimos) – o que nos importa particularmente e o domínio de valores que eclodem, vez por vez, nos seus poemas atléticos. Mas não nos custa, à deriva, provar a medida do seu cristianismo baseados nas suas confissões (lirismo é confissão):

"O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como ainda vai,
Para tôda a nudez um pano do seu manto,
Para tôda a miséria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!. . ."

E mais:

"Ó crentes, como vos, no íntimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal."

Quem lê cuidadosamente a obra de Guerra Junqueiro (bom poeta, sofrível prosador) tropeça, a três por dois, com o maneirismo metafórico, dentro daquele descuidado estilo pessoal. Tem-se a impressão de que o autor escrevia de fôlego, dando livre curso à inspiração (ao "sopro") e que não seria trabalho comum a lapidação do verso.

O que é constante nas temáticas do melro português é o conflito dos conceitos. Mais comuns, no entanto, os conflitos pareados. Em seguida, na enumeração caótica (em Junqueiro ele se exagera em função da necessidade explosiva dos símbolos) surgem as séries trinas e mais raramente as séries de quatro. Isto não e, em absoluto, criação do poeta. A fórmula esotérica e consabidamente antiga, mas aparece também em Rui Barbosa, precisamente na série de três.

O processo esotérico teria sido utilizado por Guerra Junqueiro em condição específica de sua religiosidade mensagista, ou se trata de mera coincidência? O velho adversário da mentira e do embuste; o excelente animador de tropos deveria forçosamente de andar em conúbio com as letras latinas e, mais recentemente, com as espanholas do quinhentismo religioso. Homem lido nas lições puras da poética e da poesia medievais e corrido no maneirismo clássico, para êle o "número" funcional deveria de aparecer como excelente recurso à religiosidade panteísta. É a Natureza a "Natura" tratada carinhosamente por Lucrécio ("De natura rerum") onde quem quiser poderá pastar as bases filosóficas do ateísmo. Se é que o ateísmo existiu algum dia . . . É essa Natureza, "mater parens", por muitos séculos, a enciclopédia do homem e vem

refletir-se nas tentativas supérstites de Schlegel. Como canta o poeta em "O Melro":

> ". . . . . Ó Natureza,
> A única bíblia verdadeira és tu !. . ."

Poderemos supor que os números pitagóricos servissem de recurso ao panteísmo de Guerra Junqueiro, como servira a Dante para a arquitetura filosófica da "Comédia"; mas, neste último, orientado o princípio esotérico noutro sentido. Imagine-se a enumeração caótica em Dante, um contrapasso erudito, firmado nos "mirachs" maometanos e, em menor grau, no latino. Mas êle também se revela em outros "magníficos" poetas da latinidade, a exemplo de Vergílio.

Guerra Junqueiro era homem religioso. Conseqüentemente não é de admirar que sua obra poética esteja básicamente saturada de "números", a partir da forma subsidiária do Logos. Pouco importa se essa obra atira a objetivo "materialista", como insinuam os menos versados no processo heurístico da poesia como "sôpro". Como conciliar o "materialismo" de Guerra Junqueiro com a sua aceitação da poesia-mensagem divina, de feição nitidamente hermética? Êsse pretenso "materialismo" não combina bem, não pode combinar com o panteísmo alegórico e os apotegmas numerais. A própria poesia se encarrega de subsidiar provas quando êle contrapõe à matéria o "sôpro". Também não será conveniente supor que a simples citação de Buchner resolva o problema dessa ecfrase. Critica a Buchner (Junqueiro criticando o materialismo!), tanto quanto a Prudhomme ou a Falstaff. Mas que se entende afinal por materialismo? Talvez, isso sim, um heróico fundamentalismo cristão, não objetivado pela crítica heterodoxa. Junqueiro acreditava em Deus desacreditava no deus-Cristo, na concepção do dogma do "sine concubitum") e admirava a Jesus. o homem-mártir santificado "a posteriori" e não o deus-homem "a priori". Contrário, portanto, a uma gratuidade pascalina. Isto não aprofundaram os seus citadores. Pelo menos em Ernani Cidade nada se diz de concreto, de parte certas insinuações nada originais à "filosofia escolástica". Por outro lado, as histórias da literatura portuguêsa são omissas neste particular, mas Fidelino de Figueiredo achou de conciliar Guerra Junqueiro à banda dos "satanistas", apesar daquela generosa inclinação para as coisas frágeis e indefesas, as alminhas de cristal e de porcelana, a que vestiu de nôvo encanto com a metáfora. É' o simbolismo que se manifesta nêle, na sua poesia revolucionária, "engagé", nos estos aqui

Guerra Junqueiro

e ali polêmicos. Guerra Junqueiro não exibiu a violência quixotesca de Gomes Leal no "Anti-Christo" e nem se arrependeu penitente como aquele. Junqueiro é Guerra até o trespasse, mas humano, sem o histerismo sordido de Albino Forjaz de Sampaio. Também não se pode equipará-lo a Baudelaire. Talvez a Victor Hugo, na fase romântica dos arrancos subversivos da Comuna de Paris, falhados nas bermas de 1870.

O fato é que o "numero", em Guerra Junqueiro, rima a proposito com o estilo efervescente, dinâmico, polêmico. Também não nos interessa, para o momento pelo menos, a sátira como processo de reformulação e de combate, coisa cediça. Por ora vamos respigar, aqui e ali, com exemplos passeiros.

Iniciemos com "Oração ao Pão" (. . . Pôrto, Livraria Chardron, 1902).

Pg. 9: "Enfarinhada, branca moleirinha,
1 – E' pó de cemitério essa farinha ! . . ."

Os contrastes surgem aqui e noutros passos bem definidos. Para o dístico "pó de cemitério" contrapõe-se a "farinha" (de trigo), que já e pó, de outra natureza, porém interligado por um parâmetro metafísico. Junqueiro conduz-nos pela mão para a lei da metempsicose , portanto para a gematria pitagórica. Pela lei da metempsicose (tantíssimas vêzes referida) essa farinha de trigo, ingerida, dá vida ao homem ou transfere na comunhão (profana ou cristã) a substância do deus; quando o homem morre, será absorvido pelo pó da terra e em pó transformado ("quia pulvis es et in pulverem reverteris") para dar vida às plantas, que serão ingeridas pelos animais e êste pelo homem. Cadeia cíclica natural e científica, mas na filosofia egípcia a espectativa humana duraria três mil anos antes de decidir-se a incorporar-se no animal. E talvez essa crença esteja ligada a certos tabus totêmicos. Eu não duvidaria nada se me dissessem ser Junqueiro vegetariano, proibido portanto de servir-se da carne dos animais. Quem gostaria de saber que nesse processo cíclico estaria manjando um seu ascendente longínquo? E no entanto comer Deus é um dogma de tôdas ou quase tôdas as religiões, incluindo aquelas rotuladas de pagãs. Mas Junqueiro aprecia demonstrar a sua religiosidade filosófica. Por exemplo (e os exemplos são numerosos) em "A velhice do Padre Eterno".

"E enquanto uma raiz de lírio suga um crâneo".

Em têrmos, complete-se o ciclo vital na natureza ou o "ciclovicioso". Os dois "pós" são dois números opostos na aparência,

e só na aparência: 1 + 1. Gostaríamos de seguir melhor no rastro dos elementos oponentes, que se fundem depois, mas não sobra vagar e nosso programa é outro. O número "um" é místico como os demais das séries dois, três, sete, dez. Está na Bíblia Sagrada, que também ela comporta essa enumeração esotérica. É o "UNO" ou o primeiro, a Unidade ou o Logos. O Deus de Junqueiro, o nosso Deus, Tupã ou a Natureza unificada, em Ser. Como êle sugere nos versos de "A musa em férias", 68:

"Eu quisera enroscar-me aos robles como a hera,
Ser perfume no lírio e ser vigor na fera,
Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em côres,
Semearem-me e nascer todo o meu corpo em flôres,
Com as águias voar no oceano do infinito,
Ser tronco, ser reptil, ser musgo, ser granito,
De forma que eu andasse, em átomos disperso,
No céu, no mar, na luz, na terra – no universo!"

E repete n' "Os simples", 35:

"E também quisera, mortos castanheiros,
Como vós erguer-me para o sol a flux,
Dar trezentos anos sombra aos pegureiros,
E num lar de choça, em festivais braseiros,
A aquecer velhinhos, desfazer-me em luz!"

De passagem conotamos alguns contrários no esquema de adição. Mas esse desejo de integração absoluta no Absoluto, no Uno (Universo Deus) não é exclusivo de Guerra Junqueiro.

O que se diz acima da gematria representa o comportamento geral dos conceitos pareados, que aparecem em monósticos, dísticos ou outros , inclusive nos polimétricos. E não voltaremos à temática, mas indicaremos, como exemplo de numeração ternária (Trindade: Deus-Filho-Espirito Santo, etc.) na mesma página 9, quase ubiquando no "modus dicendi" de São João de La Cruz:

"E a moleirinha alegre também canta,
E ri a água e ri o Sol, e ri a planta. . ."

Fg. 13, ternário axiológico:

"Beleza, Amor, Verdade,
Eis a Trindade!
Três deuses, juntos afinal
Num só Deus imortal."

É a única pista quente que o poeta oferece aos profanos, mas é patética essa confissão hermética da sua submissão religiosa. Daí por diante a sua poesia, neste particular, continuará de certo modo aberta para os leigos, na aparência. Hermética nos contextos, com duas facêtes. Bifronte como o Jânus da fábula. E há mais assunto a explorar na poesia do atrevido poeta, por exemplo os comparativos (de que citamos alguns), metáforas, topos , locus anominatios , adinatas , sátiras , lirismo (confissão) e invocações ("invocatio"). E com especialidade as constantes "criança", "lírio", "flor", "luz", "abril", "rosa" (mística), "música", "melro", "rouxinol", "plátano", etc.

Esta é que é a verdadeira poesia hermética, aberta para os leigos, com o tônus de libelo ganhando foros de mensagem, e a outra fechada, recorrível para os iniciados, indistinta, implexa de religiosidade. Não de beatice nem de carolice, mas de religião pura, de filosofia poética como era a da idade-média. Não é êsse hermetismo formal, caprichado, que se vê aos domingos nas gazetas, sem substância, mero jôgo de palavras sem nexo, produto do engôdo supra-realista.

Guerra Junqueiro possuía o dom bem pouco comum de saber valorizar a palavra, ensamblando-a no lugar certo, transmitindo-lhe uma densidade funcional inigualável para a época, imprimindo-lhe certo colorido aproximativo da sinestesia. O mal dos seus livros são as edições ratuínas, mal cotejadas, mal impressas , mal apresentadas , como se houvesse um propósito dirigido. Manifesta odiosidade. Que contudo não há. O que há realmente é a necessidade cada vez maior e contínua de edições populares, pois que se trata do poeta ainda mais lido e discutido em Portugal. Tanto que lhe deram um lugarzinho a par de João-de-Deus, no panteão nacional.

Existem mais exemplos de trípticos, porém não nos inclinamos a elencá-los aqui e agora. Prossigamos com a nossa oficina. Pg. 14:

2 – "E cada homem, quer o rei, quer o mendigo
E' na seara de Deus um grão de trigo."

Pg. 16:

3 – "Pelo Amor, com teus lábios virginaisBeija lepras e cancros d'hospitais!"

Escamote sutilíssimo: São Francisco de Assis. É uma das figuras decorativas, espécie de circuito eloqüente no processo latino da "amplificatio".

Em "A lágrima", 4.ª edição, Pôrto, Livraria Chardron, 1903, encontramos seguidamente.

Pg. 8:

4 – "E o cavaleiro diz à lágrima irisada:
"Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada!"

Neste dístico, além dos elementos oponentes constata-se a coroa de rimas.

Pg. 12:

5 – "A terra onde o lilás e balsamina medra
Para mim teve sempre um coração de pedra!"

De "A musa em férias", 4ª edição, Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1906.

Pg. 12

6 – "A sua aurora é o berço, e o seu ocaso é o túmulo;
Ergue-se entre rosais e expira entre os ciprestes."

Pg. 15:

7 – "E' casta como as espadas
E reta como a justiça".

Em teoria, já se vê. Para Guerra Junqueiro essa comparação resulta apenas em processus conciliatório de palavras, jôgo de expressão sem nenhum efeito discursivo e êle sabia disso. Pois na verdade nunca houve espada casta (a não ser aquelas que jamais saíram dos armeiros e dos armários) e nem justiça retilínea. Salvo a alegoria de Salomão, mas ainda se trata de alegoria. . .

Pg. 16:

8 – "Depois de jantar com Tácito,
Vai ceiar com Rabelais."

Aqui o contraste é vigoroso, notadamente no que se refere ao pícaro francês, em oposição gritante ao austero historiador latino. E mais preciso porque o jantar (almôço nosso) é mais doméstico, enquanto a ceia (nosso jantar) sugere boêmias, pôsto que hábito europeu.

Pg. 18:

9 – "As urtigas da Ironia
Junto aos plátanos da Ode."

Urtigas, apesar de insignificantes, provocam tanta reação animosa quanto as sofridas ironias. Mas as odes, ah! As odes são elevadas, cimeiras como os plátanos umbrosos. À carência de plátanos às vêzes o poeta recorre aos seculares castanheiros, mas é raro isto em Junqueiro de valorizar a paisagem natal. Não era por isso mesmo em poeta telúrico nem regionalista nem nacional, mas característicamente universal e social. Talvez estivesse com razão o seu contemporâneo Eça de Queirós no que contende com a carência de palavras que exprimissem selvas. Por esta razão é que os vergilianos plátanos freqüentam os "locus amoenus" onde costumam edulcorar a paisagem, mesmo fora da Arcádia. Mias, de passagem, devemos dizer que só a recorrência a êsse "locus" nos fornece a medida exata.da religiosidade do poeta. Como se êle armasse em oficiante druida. Todavia disto ninguém cuidou. Preferem armar fofocas entre êle e Deus, esquecidos das "Carmina Burana", das cantigas meretrícias e dos "ioca monachorum"

Pg. 20:

10 – "E faz sair uma flor
De dentro de uma caveira"

Pg. 36:

11 – "Feito de fôrça e de amor,
De crueldade e harmonia."

Pg. 62:

12 – "A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada !"

Pg. 75:

13 – "A raiz- bôca da vida,
Mama nos peitos da Morte."

Alusão ao processo cíclico da metempsicose referida. E uma excelente metáfora, vestindo o trágico horror da carne mudada em seiva e em fruto.

Pg. 78:

14 – "– Vai ouvir as cotovias,
Levando a espingarda ao ombro!"

Pg. 80:

15 – "Viera à supuração
Em lírios brancos e rosas."

Pg. 81:

16 – "Ou para enterrar crianças,
Ou para plantar jasmins."

Pg. 98:

17 – "Dê salvas de hilaridade
O rubro canhão da aurora!"

Pg. 99:
18– "Carregai-me essas clavinas
De amora e botões de rosas."
Pg. 100:
19– "E dos elmos façam vasos
Para pôr mangericões."
Idem:
20 – "Depois de caçar tiranos
Vamos caçar borboletas."
Pg. 101:
21 – "Em vez de morder cartuchos,
Mordam pêcegos doirados."
Pg. 104:
22 – "Vou dar-lhes banhos no sangue
Das madrugadas d'abril."
Pg. 105:
23 – "Um melro a ensinar a um lírio
Os versos de Anacreonte."

O pícaro deveria de estar fazendo corar a face casta do lírio...

Pg. 116:
24 – "Co'as asas côr da noite e os olhos côr da aurora."
Pg. 126:
25 – "E Jeová da rosa então fêz um sorriso,
E das asas da vespa o Diabo fêz-lhe um leque."

Essa galanteria maliciosa (poema escrito num leque) me faz matutar na clássica disputa lírico-religiosa da criação do mundo. Audaciosamente o melro galraz de Freixo-d'Espada-à-Cinta junta num mesmo dístico dois números, fazendo renascer, o mordaz! os velhos inimigos da criação. Resumindo: Deus e o Diabo foram poetas, pintores, músicos, artistas liberais. Opifex...

Pg. 130:
26 – "Ordem, corre a pedir auxílio à guilhotina:
Abracem-se um ao outro, a pátria assim o quer,
O jumento Proudhomme e o tigre Lacenaire."
Pg. 136:
27 "O homem que menos ganha é o que mais trabalha.
O direito pertence ao mais rico e ao mais forte."
Pg. 141:
28 – "............. o diamante é feito do carvão,
Do abismo rompe a flor, das trevas a manhã:
Num ladrão pode haver um santo: – João ValJean.
Banhaste-te no sangue ? é afogar-te em luz.
Depois de ser Caim, precisas ser Jesus".

Não renunciamos ao propósito de insistir no critério posteriorístico da santidade revelada nestes versos em que os vocábulos "ladrão" / "santo", "sangue" / "luz", "Caim" / "Jesus" dizem muito mais do que o apriorismo gratuito de Pascal.

A página 146 está replexa dessas sentenças oponentes, em número de oito.

Pg. 146:

29 – 'Um só perdão – a morte, e um só castigo a Vida'.

Pg. 151:

30 – "Onde sobrava o gênio e onde faltava o pão."

Pg. 164:

31 – ". . . . . Lisboa, essa burguesa
Que vai de risca ao meio e vai de fato prêto
Ao sport de uma hora – á igreja do Loreto."

Nós bem que podíamos glosar os versos de Guerra Junqueiro:

Manaus, essa burguesa ingênua e jovial
que vai de saia curta e livro de horas santas
à exibição da moda, às dez, na catedral.

Pg. 181:

32 – "Lava com água benta as sanguinárias mãos."

Pg. 191:

33 – "Latino– Ferrabrás e Coelho – a Madalena,
Um doce como a pomba, outro mau como a hiena,
Caminham par a par, beijando-se entre si."

Essa sátira contra Latino Coelho é quàdruplamente antagônica nos seus elementos condicionantes: Latino = ladino, esperto /Ferrabrás = o diabo. / Coelho = animal erótico, tímido e fecundo / Madalena = a agapeta arrependida / doce = pomba /mau = hiena. E um só indivíduo: Latino Coelho. A seriação,no caso, foi: 1 + 1 = 2; 1 + 1 = 2. Resultado positivo 4,mais um = cinco. Êsse cinco, porém, não é aqui a chave da sabedoria salomônica, e diz muito contra o escritor LatinoCoelho. E' um número que a seguir a "linha" medieval, aponta,com os "beijos", para o microcosmo! De outro modo, é o "trias" masculino e o "dyas" feminino, portanto dualismo repro-dutor. Hermafroditismo. Ou. . . quem sabe ? Aliás é o vêzo do Guerra. Vez em quando explode, principalmente na rima,o nome de uma vítima da sua intransigência. De qualquer modo prova apenas que o satírico Junqueira conhecia de perto o "ornatus

verborum", maneirismo com que se divertiam certos poetas da antiguidade, explorando a característica dos nomes próprios como os caricaturistas assinalam os traços mais evidentes de certas fisionomias, obtendo, pelo processo surrealista, a cópia exagerada do paciente. Numa outra ordem de idéias e de imagens é o que fazem às vêzes certos poetas da nova tendência:ludus literário. Todavia é bom não esquecermos que Dante usou e abusou dêsse privilégio, à outra luz, despejando no Inferno os seus inimigos mortos e vivos.

Pg. 197:

34 – "Galopam três morgados,
Rijos como sobreiros
Brutos como soldados."

Pg. 124:

35 – "Um vício que é tão mau por ser, que horror! tão bom!"
"A velhice do Padre Eterno", 1885 (...) Editôres
Álvaro Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, Pôrto –

Pg. 10:

36 – "Sois como a luz que doura as trevas dum monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;"

Pg. 11:

37 – "Dormia inquieto e manso o impávido lebréu.

Pg. 12:

38 – "Como Junto dum leão um sorriso divino
Como sôbre uma fôrca um ramo d'oliveira!"

Pg. 13:

39 – "Tôda a alma é clarão e todo o corpo é lama."

Idem:

40 – "Tirai o corpo – e fica uma língua de chama...
Tirai a alma – e resta um fragmento d'argila."

Sem qualquer absurdo, o dístico se refere à pragmática.Alma ígnea é assunto incontroverso. Mais dificil seria, na aparência, concordar, nesses contrastes violentos, carne com argila. E no entanto a ninguém é dado ignorar o contexto bíblico do homem de barro. Podem ignorar, isso sim, o caráter de "fingulus" atribuído tanto a Deus como a Cristo, na patrística tanto quanto no secular.

Idem:

41 – "Há de haver uma treva e há de haver uma luz
Para o vício que morre ovante sôbre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz."

Eis o santo "a posteriori", a que nos referimos antes. O homem que escrevia versos tão puros a ditava conceitos tão humanos jamais poderia ser ateu.

Pg. 17:

42 – "Se a quimera é uma rosa e a existência uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia d'espinhos!"

Pg.18:

43 – "Onde o trabalho ri e onde a miséria canta."

Pg. 23:

44 – "Meretrizes de Deus numa piedosa orgia."Pg. 31:

45 – "Que no ruibarbo encontra o sabor da ambrosia."

Pg. 34:

46 – "Jesus, quase a expirar, cheio de dor, sorria."

Pg. 38:

47 – "Continuarei caçando os javalis nos matos."
E dito isto partiu a procurar Pilatos."

Guerra Junqueiro ainda estava imbuído da crença corrente da culpabilidade de Pôncio Pilatos na devassa e sentença contra Jesus. Mas a história não concorda com essa culpa, tão sòmente atribuída aos judeus. Os elementos oponentes, aí, não funcionam para nós com a mesma persistência dos demais, todavia devemos esquecer a erronia. Ou se tratava apenas de um apêlo à rima ?

Pg. 38:

"Reto como um juiz, forte como um destino."

Pg. 39:

49 – "As chagas para mim são outras tantas flôres!"

Pg. 46:

50 "Que queime se é capaz num forno uma alvorada!"

Pg. 49:

51 – "E ao rouxinol dizeis: pede a bênção da c'ruja."

Pg. 50:

52 – "Que é o mesmo que extrair d'uma rosa um cevado."

O processo do inverossímil + verossímil freqüenta muito assiduamente a poesia e a prosa medievais e mais posteriormente a latina, grega e oriental. Aparece, tanto quanto a fórmula verossímil + inverossímil, nos "fabliaux". E' a velha questão do "mundo ás avessas", proposta por Curtius. Mas pode ser encontrada com muito maior anterioridade e com inusitada freqüência na literatura oral de todos os povos ágrafos, por onde se observa a linhagem da literatura histórica. Observamo-la nos contos azuis, nas fábulas e apólogos principalmente, nas estórias outras de gigantes, de gnomos, de bruxas, de dragões fumegantes, etc.

Pg. 60:
53 – “És como um Juvenal dentro d'um Epicuro,
O’ arlequim-titã, ó semi-deus-gavroche.”
Pg. 68:
54 – “Nasces na estrebaria,
Vives no lupanar!”
Pg. 68:
55 – “Lá vai pegando ao pálio o teu amigo Judas,
Que está, como tu vês, comendador de Cristo!”
Pg. 72:
56 – “Sê canalha com graça, infame com bons ditos.”
Pg. 79:
57 – “Opulenta Gomorra hidrópica de Vício.”

A expressão hidrópica, que os dicionários populares e outros comumente não definem á justa, pode aparecer nos literatos e escritores latinos da antiguidade e na Idade-Média. Por exemplo n’“Os fastos”, de Ovídio, segundo me parece só encontrei uma vez, no livro primeiro:

“Hidropsia de ouro insaciável”,

que corresponde àquele “auri sacra fames” de Virgílio. Sómente essa expressão seria suficiente, a meu ver, para demonstrar quão lido era Guerra Junqueiro nos poetas latinos da antiguidade e nos epígonos medievais.
Pg. 94:
58 – “Não rijo e negro pão cravando os dentes brancos.”
Pg. 98:
59 – “Na face de alvaiade um rir de vermelhão.”
Pg. 106:
60 – “Bossuet-Ferrabrás e Falstaff-Isaías.”

Observe-se o que deixamos dito com relação a Latino Coelho.

Idem:
61 – “Não há pomba mais tigre ou Santo mais demônio:
Fera,– como Caim ! Rato – como Polônio!”
Idem:
62 – “O tigre deu-lhe o amor e o bode a castidade.”
Sem comentários. . . Mas que ironia!
Pg. 107
63 – “Um búfalo de treva as cornadas na aurora!”
Pg. 113:
64 – “O luar do Perdão para as noites do Crime.”

Pg. 114:
65 – Calcando o lôdo e olhando os astros no Infinito."
Pg. 115:
66 – "Unindo a cada chaga imunda um beijo em flor."
Idem:
67 – "E na campa nupcial, no tálamo-sentina"
68 "O corpo é simplesmente a alâmpada de argila;
A alma, eis o clarão."

Repete-se aqui o mesmo circuito simbólico das referencias 39, 40.Pg. 136:
69 – "Branca como a harmonia,
Pura como a verdade."
Pg. 140:
70 – "Num carcavão com silveirais em flor."
Pg. 141:
71 – "Tudo foi feito com o mesmo lôdo,
Purificado com a mesma aurora."
Idem:
72 – "Só hoje sei que em tôda a criatura,
Desde a mais bela até a mais impura,
Ou n'uma pomba ou n'uma fera brava
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura! . . ."

Esta confirmação da onipresença de Deus coloca o poeta acima da crítica interesseira e injusta e já vem estereotipada na abertura dêste ensaio. Junqueiro era assim mais religioso do que muitos echacorvos, desde que nesta intelecção se dê o verdadeiro sentido à palavra.
Pg. 158:
73 – "Rios de sangue com gangrena
E ondas de lagrimas com fel"
Pg. 159:
74 – "A boca esquálida do crime
Posta na bôca da inocência!"
Idem:
75 – "O abutre e a pomba, o cardo e a anêmona,
Na mesma leiva apodrecida:
Tropman chegando-se a Desdêmona,
E Papavoine a Margarida !"
Idem:
76 – "Mimi Pinson e Rigolboche!
Caim e Abel ! estrume e luar !"
Pg. 160:
77 – "Tudo te serve: ou cancro ou rosa,
Ou flor doirada ou flor sifilítica."

Pg. 175:
78– "Dentro d'um cofre em cuja tampa
Ha versos maus em letras d'oiro."
Pg. 180:
79– "Andam só pela rua os porcos e as crianças."
Pg. 183:
80– ". . . . . ha dois oásis em flor,
Com duas tropicais pletoras de verdura:
Um é o cemitério, o outro o passal do cura."
Coletamos n' "Os simples", 4.ª edição, Lisboa, 1898, Parceria Antônio Maria Pereira – Livraria Editôra,
Pg. 24:
81– "Tinha eu seis anos, tinha ela oitenta,
Quem me fêz o berço, fêz-lhe o seu caixão! . . ."
Pg. 32:
82– "Heros amortalham-no em seu verde manto
Deu-lhe a terra o leito, dá-lhe a aurora o pranto. . .
Que feliz cadáver, que até cheira bem!"
Idem:
83– "Musgos, líquens, fetos, – química incessante!–
Fazem montões d'almas dessa podridão . . ."
Pg. 38:
84– "E no lar as brasas simultâneamente
Dizem para o anjo: – tudo é oiro ardente
Dizem para o velho: – tudo é cinza e pó!
Pg. 40:
85– "E, fitando as chamas simultâneamente,
Ri-se a criancinha, vendo o oiro ardente,
Lacrimeja o velho, vendo cinza e pó! . . ."
Pg. 44:
86– "Como que num dúbio lusco-fusco abstrato.
De ter sido tigre lembra-se inda o gato ? . . .
De ter sido hiena lembra-se inda o cão ? . . ."
Pg. 48:
87– "A razão é um verme, mas a crença é asa . . .
Verme! aos infinitos poderás chegar! . . ."

Aplica-se aqui a lei do verossímil + inverossímil, e o contrário já foi referido na cota cinqüenta e dois. Que um verme posse atingir os infinitos é coerente, pelo menos na doutrina da habitabilidade dos mundos. O racionalismo de Guerra Junqueiro, exposto em forma circunloquial, converge necessáriamente para um esquema religioso de que êle procura dar a medida com aquela história do "verme/razão" mais "crença/asa" (dois mais dois) ser igual a infinito, ou sejam, cinco

elementos que resultam no microcosmo, ou na eternidade da matéria, ou a teoria da evolução, ou o averroismo, etc. Materialismo cristão, ao fim e ao cabo, ou fundamentalismo cristão inócuo, na pior da hipótese. Sem negação de Deus. Mas nos estamos noutra função, o que não nos impede de raciocinar livremente, procurando colocar, nos devidos têrmos, a mensagem controvertida do poeta e o seu tremendo libelo.

Pg. 56:

88 – "Deus golpeia a aurora pra dar sangue às rosas,
Deus ordenha a lua pra dar leite aos lírios !. . ."

Pg. 74:

89 – "Com o beijo do sol na face cadavérica,
Beijo que a morte esvai em palidez algente
Eis a lua a boiar sonâmbula e quimérica . . ."

Pg. 83:

90 – "Como que uma sombra de grandeza augusta,
Junta a uma inocência matinal de flor."

Pg. 89:

91 – "Porque foi bondoso como a lua é calma,
Porque foi um santo sem saber que o era!. . ."

Em Guerra Junqueiro vislumbram-se aqui e ali surtos de barroquismo literário decadente, como na tirada que referimos no inicio. Para evita-lo, a esse barroquismo anacrônico, o poeta decidiu-se pela variação do metro que desce até ao popularíssimo hexâmetro. E surge aqui outro comentário, associado ao evangelho social do melro português: sendo a redondilha menor a legítima expressão popular na poesia (haja vista Gil Vicente, o mais popular dos poetas portuguêses e o mais nacional de todos os tempos) e dirigindo-se êle aos simples, não a usou freqüentemente, cultivando de preferência o alexandrino imponente de rimas pares e o decassílabo italiano, descarrilado (já aquele tempo !) da fatigante estrutura camoneana. os sonetos são também raros, e quando aparecem é no corpo de um poema. Isto tudo se explica, a meu ver, pela necessidade de libertação, exigência de maior campo de ação poética. Daí ás vêzes tropeçarmos com versos de onze ou de nove sílabas, extraviados do contrôle do metro. O que aliás pouca importância tem, necessitando-se antes do rítmo para enquadrar a seqüência frasal e extrair dela os efeitos técnicos de segmentos, ictus e sub-ictus na melhor das análises convencionais do sinus melódico.

A obra de Guerra Junqueiro evidencia, mais ou menos, as características fundamentais da "escola" naturalista. Mas principalmente no que tange aquela ofensiva contra o clero, no que êle tinha de postiço em relação á filosofia, á moral e á cultura humanista. No resto se pode observar, aqui e ali, o esforço para então discutíveis da evolução da

espécie, da eternidade da matéria, sem que isso inquinasse num materialismo histórico ou num ateísmo doutrinário da espécie daquele pregado por Felix Le Dantec.

Epidérmicamente Junqueiro abordou a miséria social, a ignorância da classe popular, a influência do clero na educação, na política, tudo concernente ao programa normativo da "escola", como conseqüência daquelas atitudes que culminaram em Portugal com as querelas do Bom-Senso e Bom - Gôsto e das conferências revolucionárias do Cassino.

A revolução intelectual que agitou a esfera literária, todavia, não lhe permitiria, talvez por temperamento romântico, pintar um quadro realista da sociedade portuguêsa como o fizeram os romancistas da mesma época, mas deu-lhe oportunidade para desancar o idealismo histórico.

A sátira e a ironia desenvolveram-se no sentido de colocar a grande questão social em evidência, já nos poemas soltos, já no famoso libelo que é "A morte de D. João",este sem dúvida alguma o seu implacável julgamento da sociedade, á margem da literatura ficcionista de um Eça de Queirós o maior dos naturalistas portuguêses, em cuja obra os críticos foram encontrar subsídios de monta que espelharam a mesma facêta intransigente, os mesmos ataques aos erros sociais de então.

O caso de Guerra Junqueiro não parece isolado no panorama literário de Portugal, mas no quadro geral das atitudes fundamentalmente naturalistas, é o mais preocupante e o mais ostensivo, dado o talento do poeta para as congeminências, para o humor, para a ironia, até mesmo na perplexidade que oferece o comovido espetáculo do melro autocidado.

De modo particular, o naturalismo de Guerra Junqueiro salta em outros motivos menos impressionantes à primeira vista e que a sonoridade do verso consegue destacar, mas no fundo não se trata de uma preocupação individual (com raras exceções) de ferir preconceitos obsoletos, e sim de expor situações em curso á época, discutir problemas reais, situações e problemas curiosos que arrastaram o grupo de Eça e de Antero às conferências do Cassino, em 1871, contra o grupo de Castilho e de Pinheiro Chagas, os românticos.

Evidentemente Guerra Junqueiro não exibiu na sua obra poética tôda a gama do sofrimento social, mas com efeito se pode, aqui e ali, espiolhando ao vagar, conseguir subsídios para a montagem de uma análise discursiva do seu naturalismo. Partindo, com cuidado, das congeminências que são, de verdade, o ponto alto da sua prosa poética, tanto a forma interior como o conteúdo mostram um humanista preocupado com a omissão, com a catástrofe coletiva, com a doença

moral do século. Nesse configuracionismo estético não se distingue o amplo espírito denunciador, polêmico, que o Naturalismo exigia de um Zola, porque o maneirismo de Junqueiro batia num alvo limitado que o romance podia oferecer em maior cópia, com as dimensões reais dos dramas e subordinado aos fatôres ambiente, tempo e estado. Por isso, de certo modo, a poesia de Guerra Junqueiro concilia a intenção denunciante com a intemporalidade e a metafísica, aparecendo mais com um caráter exclusivo do assunto do que com aquêle espírito realista de heroismo.